SALAS VIABILIZADORAS DA APRENDIZAGEM: UMA PROPOSTA DE PROJETO PARA TURMAS COM ESTUDANTES PERTENCENTES AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

TATIANI CRISTINA MARQUES

RESUMO
O Currículo da Cidade tem como conceitos orientadores, a Educação Integral, a Equidade e a Educação Inclusiva. Suas Orientações Didáticas, nos informam da importância de se realizar uma avaliação pedagógica visando à identificação de barreiras que podem impedir determinado educando com deficiência de participar plenamente das atividades escolares. O mesmo documento aponta a necessidade da criação de estratégias e recursos para remover estas barreiras, considerando o meio escolar onde as mesmas podem ser produzidas, sendo está uma tarefa essencial da Educação Especial em uma perspectiva Inclusiva Dentre os estudantes com deficiência que são público-alvo do Atendimento Educacional Especializado (AEE) estão os educandos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nota-se que muitos estudantes com TEA sofrem com o ruído comum e natural da sala de aula, fato este facilmente observado por seus professores e relatado também por seus pais e responsáveis. Durante estas observações percebe-se que o ruído, que para os demais é corriqueiro do cotidiano escolar, para o autista causa sofrimento, inviabilizando a sua aprendizagem. Sendo assim, diante do exposto, sugere-se que as salas de aula que apresentem estudantes com TEA tenham o número reduzido de estudantes para que, deste modo, a sala de aula se torne um espaço viabilizador de aprendizagem para todos os estudantes presentes (sejam eles público-alvo do AEE ou não). Ao reduzir o número de estudantes em uma sala de aula, é possível fornecer um ambiente mais calmo e organizado, permitindo que os estudantes autistas possam se concentrar melhor e se comunicar com mais facilidade com o professor e com os outros estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista (TEA); inclusão; Atendimento Educacional Especializado (AEE); Sala de Aula Viabilizadoras da Aprendizagem.

ABSTRACT
Among the students with disabilities who are the target audience for Specialized Educational Assistance (AEE) are students diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD). It is noted that many students with ASD suffer from the common and natural noise in the classroom, a fact that is easily observed by their teachers and also reported by their parents and guardians. During these observations it is clear that noise, which for others is commonplace in everyday school life, causes suffering for autistic people, making their learning unfeasible. Therefore, in view of the above, it is suggested that classrooms that feature students with ASD have a reduced number of students so that, in this way, the classroom becomes a space that enables learning for all students present (whether they target AEE or not). By reducing the number of students in a classroom, it is possible to provide a calmer, more organized environment, allowing autistic students to concentrate better and communicate more easily with the teacher and other students.

KEYWORDS: Autism Spectrum Disorder (ASD); inclusion; Specialized Educational Service (AEE); Learning Enablers Classroom.

INTRODUÇÃO

O transtorno autista, também conhecido como autismo infantil, pertence a um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento conhecidos como Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGDs), Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TIDs) ou Transtornos do Espectro do Autismo (TEAs). Esses transtornos compartilham características centrais de comprometimento em três áreas específicas do desenvolvimento: (a) déficits nas habilidades sociais, (b) déficits nas habilidades de comunicação (tanto verbais quanto não-verbais), e (c) presença de comportamentos, interesses e/ou atividades restritos, repetitivos e estereotipados. Além do transtorno autista, esse grupo inclui o transtorno (ou síndrome) de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância (ou outro transtorno desintegrativo da infância),

o transtorno (ou síndrome) de Rett e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação (incluindo o autismo atípico) (SILVA & MULICK, 2009).

De acordo com Silva e Mulick (2009), a incidência de casos de autismo tem aumentado significativamente em todo o mundo, especialmente nas últimas décadas. Assim, é essencial que profissionais da saúde, educação e áreas correlatas que se dedicam à infância estejam cada vez mais preparados para lidar com casos de autismo em suas práticas. No entanto, ainda existe uma grande lacuna no conhecimento e na capacitação profissional no que diz respeito às práticas de diagnóstico e à implementação de programas de intervenção. Embora tenham ocorrido grandes avanços nas últimas décadas em termos de identificação precoce e diagnóstico do autismo, muitas crianças, especialmente no Brasil, continuam por anos sem receber um diagnóstico ou acabam recebendo diagnósticos inadequados.

Não existe um tratamento medicamentoso que combata ou reduza completamente o espectro do autismo; os medicamentos disponíveis servem apenas para ajudar no controle de alguns sintomas. Pereira e Silva (2023) apontam que os medicamentos são indicados apenas quando os principais sintomas afetam significativamente o desenvolvimento do paciente, podendo até comprometer a eficácia de outros tratamentos. Além do uso de medicamentos, há também as terapias comportamentais, que são essenciais na intervenção precoce e desempenham um papel crucial no desenvolvimento social e cognitivo da criança. Devido à variabilidade dos sintomas, não existe um tratamento padronizado; cada indivíduo precisa ser cuidadosamente avaliado para receber um acompanhamento especializado e adaptado às suas necessidades específicas.

Nesse contexto, a escola se apresenta como um novo ambiente de estimulação para a criança com autismo, expandindo suas oportunidades de interações sociais e contribuindo para o seu desenvolvimento. O processo de inclusão escolar também é recomendado por profissionais de diversas áreas, que reconhecem a importância de estimular precocemente as habilidades da criança e de promover sua interação social.

Considerando que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange uma variedade de condições, o padrão comportamental e cognitivo das crianças com TEA pode variar significativamente, o que coloca desafios específicos para os professores ao lidar tanto com o aluno com TEA quanto com os demais da turma (WEIZENMANN et al., 2020).

O Currículo da Cidade (SÃO PAULO, 2019b) tem como conceitos orientadores, a Educação Integral, a Equidade e a Educação Inclusiva. Suas Orientações Didáticas (SÃO PAULO, 2019a), nos informam da importância de se realizar uma avaliação pedagógica visando à identificação de barreiras que podem impedir determinado educando com deficiência de participar plenamente das atividades escolares. O mesmo documento aponta a necessidade da criação de estratégias e recursos para remover estas barreiras, considerando o meio escolar onde as mesmas podem ser produzidas, sendo esta uma tarefa essencial da Educação Especial em uma perspectiva Inclusiva (SÃO PAULO, 2019a).

No entanto, como cita a reportagem do jornal O Globo, as redes de ensino não têm conseguido acompanhar o aumento de educandos com deficiência em salas sendo que, diante do aumento da demanda, não há estrutura e profissionais para auxiliar esses estudantes (GOMES, 2023). A reportagem informa ainda que, na rede municipal de São Paulo, o número de estudantes com deficiência aumentou 45% desde 2013 — passando de 16,7 mil em dezembro de 2022 para 24,3 mil neste ano de 2023.

Neste contexto a oferta de uma educação - legitimamente - inclusiva tem se tornado um desafio muito grande para a gestão do ensino e para os professores.

Dentre os estudantes com deficiência que são público-alvo do Atendimento Educacional Especializado (AEE) estão os educandos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O TEA é um dos transtornos do neurodesenvolvimento mais estudados na atualidade. De acordo com Conrado (2022) sabe-se que indivíduos com diagnóstico do TEA apresentam algumas alterações de linguagem, tais como:

Dificuldade de compreensão de fala em ambientes com estímulos auditivos competitivos, intensidade de voz elevada; Descon-

forto frente a estímulos auditivos ou baixa reatividade a sons e alterações prosódicas na linguagem oral.

Nas últimas duas décadas, a prevalência do TEA aumentou significativamente e, em 2021, o Center of Disease Control and Prevention (CDC) informou que aproximadamente 1 em cada 44 crianças foi identificada com esse transtorno (CONRADO, 2022).

De acordo com a revista eletrônica Viva Bem (2022) muitos indivíduos com TEA apresentam uma hipersensibilidade sensorial aos estímulos do ambiente. Gomes e Wagner (2008) afirmam que nas primeiras descrições de crianças autistas da literatura, já havia referência às anormalidades sensório-perceptuais, em especial ao som. Segundo os autores, a hipersensibilidade ao som é a modalidade sensorial mais evidentemente alterada no autismo. O fator é, inclusive, um dos critérios levados em conta na hora de fechar o diagnóstico. Um latido de cachorro ou uma buzina de caminhão, por exemplo, podem ser suficientes para causar pânico em crianças dentro desse espectro. É como se eles escutassem todos os sons do ambiente de uma só vez sem focar a atenção em nenhum deles, provocando uma sobrecarga naquele sentido. "É algo que foge ao controle deles", explica a neuropsicóloga Deborah Moss, mestre em psicologia do desenvolvimento pela USP (Universidade de São Paulo) (VIVABEM, 2022).

Neste contexto, Nobre (2021) afirma que o ambiente escolar regular ainda se apresenta hostil para a criança e adolescente com transtorno do espectro autista, já que o processo de inclusão escolar depende não somente da adaptação pedagógica, mas também da adaptação do ambiente, combatendo fatores externos que funcionam como barreira educacional, principalmente com o educando com hipersensibilidade auditiva.

Para Gorett et al. (2020), incluir (o estudante diagnosticado com TEA) não significa apenas fazer a matrícula, pois, embora a legislação pertinente ao tema tenha proporcionado algumas garantias e o número de estudantes com TEA em escolas regulares tenha crescido, a inclusão e a aprendizagem desses estudantes ainda não são uma realidade. Para os pesquisadores, dentre as ações a serem realizadas pela escola, para a garantia desta inclusão, estão: a adaptação de suas estruturas físicas, o uso de tecnologias assistivas e de métodos de intervenção, a inclusão dos currículos funcionais, o investimento na formação continuada dos docentes, bem como a implementação de mudanças em suas ações pedagógicas (GORETT et al., 2020).

Sabemos que muitas escolas estão adaptadas, em seus espaços físicos, para a recepção de estudantes que são público-alvo do AEE, nota-se, no entanto, uma necessidade de adaptação das condições pedagógicas em que estes estudantes são inseridos para que seja possível oferecer a eles uma inclusão legitima.

Nota-se que muitos estudantes com TEA sofrem com o ruído comum e natural da sala de aula, fato este facilmente observado por seus professores e relatado também por seus pais e responsáveis. Durante estas observações percebe-se que o ruído, que para os demais é corriqueiro do cotidiano escolar, para o autista causa sofrimento, inviabilizando a sua aprendizagem.

Dentre as ações tomadas pelos professores até o presente momento, está a conscientização da turma quanto ao possível incômodo que as conversas podem causar, mesmo sendo a sala de aula, um espaço de interação, movimento e participação dos estudantes. Porém a gestão de sala de aula não deve passar pelo controle dos corpos, tendo os estudantes (todos) o direito de serem participativos nas diferentes atividades propostas no cotidiano escolar.

Diante das observações em sala de aula nos diferentes momentos, percebe-se que ambientes com grande quantidade de estímulos visuais e auditivos podem ser avassaladores para os nossos estudantes autistas, levando a problemas de concentração, ansiedade e comportamento desafiador. Além disso, os estudantes autistas muitas vezes têm dificuldades sociais e de comunicação, o que pode ser agravado em salas de aula lotadas.

Sendo assim, diante do exposto, sugere-se que as salas de aula que apresentem estudantes com TEA tenham o número reduzido de estudantes para que, deste modo, a sala de aula se torne um espaço viabilizador de aprendizagem para todos os estudantes presentes (sejam eles público-alvo do AEE

ou não). Ao reduzir o número de estudantes em uma sala de aula, é possível fornecer um ambiente mais calmo e organizado, permitindo que os estudantes autistas possam se concentrar melhor e se comunicar com mais facilidade com o professor e com os outros estudantes.

Portanto, a implementação de salas de aula com menos estudantes para beneficiar estudantes autistas – que aqui denominamos "Sala Viabilizadoras da Aprendizagem" - é uma medida importante para garantir uma inclusão mais legítima e o sucesso educacional de nossos estudantes AEE.

Assim sendo, o principal objetivo deste projeto é potencializar a aprendizagem dos estudantes em salas de aula que possuam um ou mais estudantes autistas. Tendo como objetivos específicos: Diminuição gradual do número de estudantes em salas de aula com um ou mais estudantes autistas; Potencializar a aprendizagem tanto dos estudantes público-alvo do atendimento educacional especializado (AEE) como também dos estudantes que não fazem parte deste atendimento; Promover uma inclusão legítima, garantindo um atendimento mais humanizado para estudantes público alvo do atendimento educacional especializado (AEE) por meio da oferta de um ambiente mais tranquilo e acolhedor; Diminuir o ruído em sala de aula aliviando o sofrimento de estudantes autistas e/ou que apresentem sensibilidade aos sons; Redução do estresse e da sobrecarga sensorial para estudantes diagnosticados com TEA; Melhorar a comunicação e interação social entre todos os estudantes da Sala Viabilizadora da Aprendizagem; Oferecer maior atenção e interação individualizada, auxiliando a melhorar o engajamento e a participação dos estudantes autistas nas atividades de sala de aula, promovendo melhores resultados acadêmicos e sociais.

DESENVOLVIMENTO

O projeto proposto visa criar um ambiente educacional mais adequado e inclusivo para estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que são atendidos pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE). A implementação deste projeto será realizada em algumas etapas, cada uma delas cuidadosamente planejada para abordar as necessidades específicas desses estudantes e melhorar o ambiente de aprendizagem para todos.

Etapa 1. Diagnóstico Inicial e Identificação dos Estudantes: a primeira etapa do desenvolvimento do projeto consiste em realizar um diagnóstico detalhado das salas de aula que incluem estudantes com TEA. Este diagnóstico envolverá a observação direta das aulas, entrevistas com professores, pais e responsáveis, além da análise dos relatórios do AEE. O objetivo é identificar as principais fontes de ruído e outras condições do ambiente que podem estar causando desconforto aos estudantes autistas, bem como entender o perfil específico de cada estudante para personalizar as intervenções.

Etapa 2. Redução do Número de Estudantes por Turma: com base nas informações coletadas na etapa de diagnóstico, será feita uma reorganização das turmas. A proposta é reduzir o número de estudantes nas salas que atendem estudantes com TEA. Essa redução será planejada de forma que o número de estudantes por sala permita uma diminuição significativa no nível de ruído e promova um ambiente mais calmo e controlado. A diminuição do número de estudantes por turma também facilitará a atenção individualizada por parte dos professores, melhorando a qualidade da interação entre o aluno com TEA, seus colegas e o professor.

Etapa 3. Adaptação do Ambiente Físico e Estrutural: além da reorganização das turmas, o projeto prevê adaptações físicas nas salas de aula para minimizar ainda mais o impacto dos ruídos. Isso pode incluir o uso de materiais acústicos nas paredes e tetos, a instalação de cortinas para amortecer sons externos e o reposicionamento dos móveis para criar um ambiente mais organizado e acolhedor. Essas mudanças visam reduzir os estímulos sensoriais que podem sobrecarregar os estudantes com TEA, permitindo-lhes se concentrar melhor e participar ativamente das atividades escolares.

Etapa 4. Capacitação de Professores e Funcionários: para garantir o sucesso do projeto, é essencial que os professores e demais funcionários da escola estejam devidamente capacitados para lidar com as necessidades dos estudantes com TEA. Serão organizados

cursos e workshops sobre estratégias de ensino inclusivas, manejo do comportamento em sala de aula, e técnicas de comunicação adaptadas para estudantes com autismo. A capacitação também abordará a importância de um ambiente calmo e organizado, mostrando como essas condições podem impactar positivamente a aprendizagem dos estudantes com
TEA e dos demais estudantes.
Etapa 5. Envolvimento da Família e da Comunidade: a participação da família é crucial para o desenvolvimento dos estudantes com TEA, e por isso o projeto incluirá ações para envolver os pais e responsáveis. Serão realizadas reuniões regulares com as famílias para discutir o progresso dos estudantes, compartilhar estratégias utilizadas na escola e orientar sobre como replicar essas práticas em casa. Além disso, o projeto buscará envolver a comunidade escolar mais ampla, promovendo a conscientização sobre o TEA e a importância da inclusão.
Etapa 6. Monitoramento e Avaliação Contínuos: ao longo do desenvolvimento do projeto, será realizado um monitoramento contínuo para avaliar a eficácia das intervenções implementadas. Serão coletados dados quantitativos e qualitativos sobre o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional dos estudantes com TEA, assim como sobre a percepção dos professores, colegas e famílias em relação às mudanças realizadas. A eficácia do projeto será avaliada pelos professores e pela coordenação pedagógica nos tempos e espaços de formação coletiva. O projeto também passará pela avaliação do Conselho de Escola e da Associação de Pais e Mestres (APM). Com base nessas avaliações, o projeto poderá ser ajustado e aprimorado para melhor atender às necessidades dos estudantes.
Etapa 7. Documentação e Disseminação de Resultados: por fim, os resultados e as práticas bem-sucedidas do projeto serão documentados e disseminados entre outras escolas e instituições educacionais. A intenção é compartilhar o conhecimento adquirido e as estratégias desenvolvidas para que outras unidades escolares possam implementar iniciativas semelhantes, ampliando o impacto positivo do projeto.
Ao final, espera-se que o projeto contribua para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo, no qual os estudantes com TEA possam se sentir acolhidos, valorizados e plenamente capazes de desenvolver seu potencial acadêmico e pessoal. A redução do número de estudantes por sala, combinada com as outras medidas propostas, visa criar condições favoráveis para que todos os estudantes, com ou sem deficiência, possam aprender e crescer em um ambiente propício ao seu desenvolvimento integral.

CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação para a inclusão é um princípio fundamental para a construção de uma sociedade equitativa, onde todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças, têm a oportunidade de participar plenamente e de maneira significativa. Essa abordagem educacional não se limita apenas à adaptação curricular e metodológica, mas também envolve a criação de um ambiente escolar que valorize e respeite a diversidade. Educar para a inclusão vai além do simples acolhimento de estudantes com necessidades educacionais específicas; é um compromisso com a criação de um ambiente onde todos os estudantes possam se desenvolver de acordo com seu potencial único.
Isso inclui alguns fatores, por exemplo: as estratégias pedagógicas devem ser flexíveis e adaptáveis para atender às necessidades variadas dos alunos. Isso pode significar a utilização de materiais didáticos diversificados, a adaptação de atividades e a criação de ambientes de aprendizagem que considerem diferentes estilos e ritmos de aprendizado.
Outro fator consiste em promover a empatia e o respeito. Ensinar aos estudantes a importância da empatia, da compreensão e do respeito pelas diferenças é essencial. Atividades e discussões que abordam temas relacionados à diversidade ajudam a criar um ambiente mais acolhedor e a reduzir preconceitos e estigmas.
A inclusão também envolve o desenvolvimento de habilidades que ajudam os estudantes a se relacionar melhor uns com os outros. A educação para a inclusão deve incluir a promoção de competências como a comunicação assertiva, a resolução de con-

flitos e a cooperação.
Outra questão é a garantia à acessibilidade. Lembrando que a acessibilidade não se limita à adaptação física do espaço escolar, mas também à disponibilização de recursos e suportes que permitam a participação plena de todos os estudantes, como tecnologias assistivas, materiais didáticos em formatos acessíveis e adaptações no ambiente físico, e também a redução do número de estudantes em sala de aula, de que trata este artigo. Vale ressaltar que a inclusão é um esforço coletivo que requer a participação ativa de professores, funcionários, alunos e famílias, é por este motivo que a formação contínua dos educadores e o engajamento das famílias são cruciais para o sucesso das práticas inclusivas.
A prática de uma educação inclusiva oferece diversos benefícios, tanto para os estudantes com necessidades específicas quanto para o grupo como um todo: estudantes com necessidades especiais se beneficiam de um ambiente que promove suas habilidades e potencialidades, ao invés de focar apenas nas limitações; a inclusão prepara todos os estudantes para viver e trabalhar em uma sociedade diversificada, desenvolvendo competências essenciais para a convivência harmoniosa; e a interação com colegas de diferentes origens e habilidades enriquece a experiência educacional de todos, promovendo uma maior compreensão e respeito pelas diferenças.
Educar para a inclusão é um compromisso com a criação de um ambiente escolar onde todos, independentemente de suas diferenças, possam prosperar e se sentir valorizados. É um esforço contínuo que requer a colaboração de toda a comunidade escolar, mas que resulta em uma sociedade mais justa e igualitária. Ao promover a inclusão, estamos não apenas educando para o presente, mas também preparando os alunos para um futuro onde a diversidade é celebrada e respeitada.
Esta proposta de projeto de implementação das "Salas Viabilizadoras da Aprendizagem" representa um avanço significativo em direção a uma educação inclusiva e acessível, visando especialmente o bem-estar e o desenvolvimento acadêmico não apenas dos estudantes autistas, mas também dos demais estudantes que não são público-alvo do Atendimento Educacional Especializado (AEE).
Ao longo de observações realizadas com a práxis cotidiana em sala de aula, foram evidenciados diversos benefícios que reforçam a importância dessa iniciativa para os estudantes dentro e fora do TEA e para a comunidade educacional como um todo.
Em uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas Schmidt et al. (2016) apontam a necessidade de um maior suporte técnico-pedagógico aos docentes, de uma estrutura e organização escolar focada em princípios inclusivos e a consolidação da parceria entre a família e a escola. Dentre os relatos docentes de frustração e impotência na lida com estudantes diagnosticados com TEA destacaram-se os relatos sobre a necessidade de mais tempo para estar perto destes estudantes.
Neste contexto, a implantação das Salas Viabilizadoras da Aprendizagem permitirá uma atenção mais individualizada aos estudantes autistas, proporcionando um ambiente que atende às suas necessidades específicas. A redução do número de estudantes por sala propicia uma interação mais personalizada entre professores e estudantes, permitindo estratégias de ensino mais adaptadas e eficazes.
Espera-se que a implementação desse projeto possa revelar melhorias significativas no engajamento, na participação e no desempenho acadêmico dos estudantes autistas beneficiados. A criação de um ambiente mais tranquilo, aliada à presença de profissionais atentos ao Atendimento Educacional Especializado, contribui para a construção de um espaço acolhedor e propício ao aprendizado, onde cada aluno pode desenvolver seu potencial de maneira mais efetiva.
Além disso, a presença de "Salas Viabilizadoras da Aprendizagem" em uma unidade escolar, carrega em si o potencial de promover a sensibilização de toda a comunidade escolar em relação às necessidades dos estudantes autistas. A conscientização gerada pela implementação deste projeto não apenas destaca a importância da inclusão, mas também promove uma cultura de respeito à diversidade, preparando os estudantes para conviverem em uma sociedade plural e igua-

litária.
Falar sobre o direito do estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) à educação é, em essência, reafirmar um princípio fundamental da dignidade humana: a inclusão plena e incondicional na sociedade. Esse direito não é apenas um imperativo legal, mas também uma questão ética e moral, que reflete o valor que atribuímos a cada indivíduo e o reconhecimento de que todos, independentemente de suas características ou condições, têm o potencial de aprender, crescer e contribuir para o mundo.
A garantia desse direito vai além do simples acesso à escola. Ela exige um compromisso real com a criação de ambientes de aprendizagem inclusivos, onde as necessidades específicas dos estudantes com TEA sejam compreendidas e respeitadas. Isso inclui a adaptação de currículos, métodos de ensino, e até mesmo o ambiente físico, para assegurar que esses estudantes possam participar plenamente das atividades escolares. Em outras palavras, envolve a construção de espaços em que eles não apenas estejam presentes, mas também sejam ativos, respeitados e valorizados.
O reconhecimento desse direito também implica na responsabilidade de educadores, gestores, pais e toda a sociedade. É necessário um esforço coletivo para derrubar barreiras e preconceitos, promover a formação continuada dos profissionais da educação e garantir que as escolas estejam preparadas para atender às necessidades diversas de todos os seus estudantes. Isso inclui desde o desenvolvimento de competências específicas entre os professores para lidar com o TEA até a implementação de políticas públicas que assegurem os recursos necessários para essa inclusão.
Além disso, é crucial entender que a garantia desse direito é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Quando oferecemos oportunidades educacionais adequadas, estamos investindo no futuro de cidadãos que têm muito a contribuir, ampliando a diversidade de pensamentos e experiências que enriquecem a vida coletiva. A inclusão de estudantes com TEA nas escolas não beneficia apenas esses estudantes, mas toda a comunidade escolar, promovendo valores de empatia, solidariedade e respeito às diferenças.
Em última análise, respeitosa inclusão destes estudantes no ambiente escolar é uma afirmação do valor intrínseco de cada ser humano e da crença de que todos têm o direito de desenvolver seu potencial ao máximo. Negar esse direito é, de certa forma, negar a própria essência da educação, que é preparar indivíduos para uma vida plena, produtiva e significativa. Portanto, garantir que estudantes com TEA tenham acesso a uma educação de qualidade, que respeite suas particularidades e os apoie em seu desenvolvimento, é não apenas uma questão de justiça, mas um compromisso inalienável com a humanidade e com o futuro.
Para concluir este artigo, é fundamental refletir sobre a importância da criação de ambientes educacionais que sejam verdadeiramente inclusivos e acolhedores para todos os estudantes, especialmente aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O cenário apresentado ao longo do texto evidencia que, embora as salas de aula sejam espaços destinados à aprendizagem e ao desenvolvimento integral, elas nem sempre estão adequadamente preparadas para atender às necessidades específicas de todos os estudantes. Isso é particularmente verdadeiro para estudantes com TEA, que muitas vezes enfrentam barreiras significativas no ambiente escolar devido a fatores que passam despercebidos para a maioria, como o ruído comum da sala de aula.
A partir das observações realizadas por professores e relatadas por pais e responsáveis, fica evidente que o ruído, embora considerado parte natural do cotidiano escolar, pode causar sofrimento considerável aos estudantes autistas. Esse sofrimento, por sua vez, interfere diretamente em sua capacidade de concentração e aprendizagem, comprometendo seu desenvolvimento acadêmico e emocional. Assim, a proposta de reduzir o número de estudantes nas salas de aula que incluem estudantes com TEA surge como uma medida necessária para promover um ambiente mais calmo, organizado e, sobretudo, inclusivo.
Ao reduzir o número de estudantes por sala, cria-se uma atmosfera que favorece não apenas os estudantes com TEA, mas todos os estudantes presentes. Um ambiente me-

nos ruidoso e mais controlado permite que os professores dediquem maior atenção individualizada a cada aluno, compreendendo melhor suas necessidades e oferecendo suporte adequado. Para os estudantes autistas, essa redução no número de colegas pode ser a diferença entre uma experiência escolar frustrante e uma experiência significativa, onde eles se sintam confortáveis para aprender e interagir.

A proposta de diminuir o tamanho das turmas é, portanto, uma estratégia que vai além da simples adequação do espaço físico. Ela reflete um compromisso com a educação inclusiva, que reconhece e valoriza a diversidade dentro da sala de aula. A inclusão de estudantes com TEA não se resume à sua presença física na escola, mas implica em garantir que o ambiente seja adaptado para que eles possam participar plenamente das atividades escolares, expressar suas ideias e emoções, e desenvolver suas habilidades.

Além disso, ao promover a redução do número de estudantes por sala, estamos criando condições para que as interações entre os estudantes sejam mais significativas e menos sobrecarregadas. Em uma turma menor, as dinâmicas de grupo tornam-se mais gerenciáveis, e as relações interpessoais podem ser desenvolvidas com maior profundidade. Para os estudantes com TEA, isso pode facilitar a construção de laços de amizade e a integração no grupo, elementos essenciais para seu bem-estar emocional e social.

É importante ressaltar que essa proposta de ação não deve ser vista como uma solução isolada, mas como parte de um conjunto de medidas que visam tornar as escolas mais inclusivas. A formação continuada dos professores, a sensibilização de toda a comunidade escolar, e a adaptação de materiais e métodos pedagógicos são igualmente cruciais para o sucesso de uma educação que verdadeiramente atenda às necessidades de todos os estudantes.

Por fim, a implementação de salas de aula com menor número de estudantes para atender às demandas dos estudantes com TEA pode servir como um modelo a ser replicado em outras situações e contextos educacionais. Ao reconhecermos as necessidades específicas desses estudantes e agirmos para atendê-las, estamos promovendo não apenas a inclusão, mas também a equidade na educação. Uma sala de aula inclusiva é aquela que respeita as diferenças, adapta-se às diversas formas de aprender e garante que todos os estudantes tenham as mesmas oportunidades de sucesso. Assim, ao criar um ambiente de aprendizagem mais tranquilo e favorável para os estudantes com TEA, estamos, na verdade, avançando em direção a uma educação de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

CONRADO, Talita Laura Braz Capano. Processamento auditivo central em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista - nível I. 2022. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Universidade Estadual Paulista (Unesp). Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/234635 . Acesso em: 17 dez. 2023.

GOMES, Bianca. Redes de ensino não conseguem acompanhar aumento de estudantes com deficiência em salas; SP e RJ têm recordes de matrículas: escolas alegam que, diante do aumento da demanda, não há estrutura e profissionais para auxiliar esses estudantes. O Globo, 2023. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/03/redes-de-ensino-nao-conseguemacompanhar-aumento-de-estudantes-com-deficiencia-em-salas-sp-e-rj-tem-recordes-dematriculas.ghtml . Acesso em: 17 dez. 2023.

GOMES, E.; PEDROSO, F. S.; WAGNER, M. B. Hipersensibilidade auditiva no transtorno do espectro autístico. Pró-Fono Revista de Atualização Científica, v. 20, n. 4, p. 279–284, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-56872008000400013 . Acesso em: 17 dez. 2023.

GROSSI, M. Gorett Ribeiro; GROSSI, V. Gabriel Ribeiro; GROSSI, B. Henrique Ribeiro. O processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com TEA nas escolas regulares: uma revisão de teses e dissertações. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, [S. l.], v. 20, n. 1, 2020. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.

php/cpgdd/article/view/12912 . Acesso em: 17 dez.
2023.

NOBRE, Luana Eloá Martins. O ruído no ambiente escolar do ensino fundamental I como barreira no processo de inclusão de crianças com transtorno do espectro autista. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Brasil.

PEREIRA, L. R.; SILVA, T. R. C. da. Uma breve análise do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Revista Espaço Acadêmico, v. 23, n. 241, p. 49-60, 2023. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/68533 . Acesso em: 20 ago. 2024.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.
Orientações didáticas do Currículo da Cidade: Ciências Naturais. 2. ed. São Paulo: SME / COPED, 2019a.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.
Orientações didáticas do Currículo da Cidade: Projeto de Apoio Pedagógico:
recuperação de aprendizagens. São Paulo: SME / COPED, 2019b.

SILVA, Micheline; MULICK, James A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 29, n. 1, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000100010 . Acesso em: 20 ago.
2024.

SCHMIDT, C.; NUNES, D. R. de P.; PEREIRA, D. M.; OLIVEIRA, V. F. D.; NUERNBERG, A. H.; KUBASKI, C. Inclusão Escolar e Autismo: uma Análise da Percepção Docente e Práticas Pedagógicas. Revista Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 222– 235, 2016. DOI: 10.15348/1980-6906/psicologia.v18n1p222-235. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/9357 . Acesso em: 17 dez.
2023.

VIVABEM. Por que crianças autistas são sensíveis ao barulho dos fogos de artifício?
Viva Bem Uol, 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/12/31/por-que-criancas-autistas-saosensiveis-ao-barulho-dos-fogos-de-artificio.htm?cmpid=copiaecola . Acesso em: 17 dez.
2023.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. Inclusão Escolar e Autismo: Sentimentos e Práticas Docentes. Psicol. Esc. Educ., v. 24, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2175-35392020217841 . Acesso em: 20 ago. 2024.